

Política Descontentamento social leva milhares às ruas

Portugal é historicamente “menos mobilizado”, mas protestos estão nas ruas e “podem crescer”

O “envolvimento generalizado” em Portugal pode ter menos peso devido à dimensão dos problemas ou às “tradições”. Mas as “mobilizações podem crescer” e os movimentos sociais estão a organizar-se nesse sentido

Ana Bacelar Begonha

Enquanto em França e em Espanha milhares de pessoas enchem as ruas bloqueando escolas e transformando praças em acampadas, com incêndios e petardos, em Portugal o protesto tende a ser “menos alargado e disruptivo”. Mas nem por isso a sociedade é “menos contestatária”, existindo “formas diferentes” de manifestação e margem para as mobilizações crescerem. De acordo com especialistas e activistas ouvidas pelo PÚBLICO, o caso de Maricarmen Abascal e a violência policial no Porto podem servir de “catalisador” e aumentar a “predisposição” das pessoas para protestarem.

Um pouco por todo o mundo e pela Europa, despontam manifestações, muitas das quais impulsionadas pelos jovens. É o caso de França, onde sucessivas jornadas nacionais de mobilização por parte de estudantes têm levado ao encerramento de escolas e universidades. As acções começaram nos subúrbios de Paris e alastraram-se pelo país com reivindicações sobre a falta de professores,

a sobrelotação das aulas ou a degradação das instalações, mais acentuada nos bairros periféricos. E agora também contra a violência policial. Pelo meio, foi convocada uma greve geral, em vésperas da apresentação do orçamento, que alargou a pressão sobre o governo aos salários e à perda do poder de compra. Em clima pré-eleitoral, o executivo prometeu contratar professores, mas a onda de protestos continua, juntando pais, professores e sindicatos a milhares de jovens – que ontem voltaram a sair à rua, em protestos marcados por confrontos com a polícia.

Já em Espanha, o despejo de Maricarmen Abascal, de 87 anos, a 23 de Setembro, foi o catalisador de uma vaga de manifestações contra a crise habitacional. A saída de milhares de pessoas à rua produziu efeitos: foi alcançado um acordo para que Maricarmen Abascal permanecesse na sua residência e o governo propôs medidas para proteger os inquilinos, como a proibição do despejo de pessoas vulneráveis. Contudo, a idosa morreu antes de regressar a casa e as propostas foram chumbadas. A crise



social juntou-se uma crise política, com a convocação de eleições antecipadas. O protesto perdura na praça Puerta del Sol, de Madrid, onde centenas de manifestantes estão acampados, e não há fim previsto para as mobilizações que vão culminar numa paralisação a 11 de Novembro.

Também em Portugal começou por haver uma série de manifestações

em Aveiro, Braga, Funchal, Lisboa e Porto sob o lema “Não dá mais p’ra viver assim”, no sábado passado. Convocados pela recém-criada plataforma “Já não dá”, os protestos insurgiram-se contra a subida do custo de vida, nomeadamente da habitação. E exigiram ao Governo o controlo dos preços dos bens essenciais e dos combustíveis, um imposto sobre os lucros

extraordinários das grandes empresas e o fim da crise da habitação, com críticas às medidas aprovadas a 30 de Setembro no Parlamento. A nova lei do arrendamento proposta pelo executivo, que, entre outras medidas, facilita os despejos, passou na generalidade, com os votos a favor de PSD, IL e CDS e a abstenção do Chega.

As marchas deram um sinal de que os portugueses aderiram a um movimento mais alargado de contestação, o que levou o primeiro-ministro, Luís Montenegro a afirmar que se estão a “importar para Portugal climas de instabilidade que não têm respaldo na sociedade”. Ouviram-se, aliás, gritos de solidariedade com França e Espanha, e Maricarmen Abascal foi um dos símbolos das manifestações. Sobre o Porto, onde o movimento “Acampada do Porto” ocupou diariamente a Praça D. João I, seguindo o exemplo espanhol, até que os manifestantes foram alvo de uma carga policial, numa tentativa de reprimir a concentração, que resultou em 37 feridos na noite de quarta-feira. Mas os activistas prosseguem os protestos – ontem, milhares de



ID: 125565376

18-10-2026



Manifestantes montaram ontem acampada no Rossio, em Lisboa (em cima). Em França e Espanha, com razões diferentes, os protestos têm levado milhares de pessoas às ruas, em protestos sucessivos

personas juntaram-se em várias cidades em protestos pela habitação e a acampada repete-se agora em Lisboa, estando prevista uma assembleia popular para este domingo.

Se os protestos foram ganhando expressão ao longo da última semana, ainda assim o peso destas mobilizações é – pelo menos por agora – menor do que noutras cidades europeias (embora seja de ressaltar que tanto Paris como Madrid têm uma população maior). Isto apesar de também Portugal enfrentar dificuldades na educação e na habitação, com os preços das casas e das rendas a atingirem sistematicamente recordes. Aliás, de acordo com um relatório do Conselho Europeu, de 2025, Lisboa é a cidade da União Europeia onde a habitação consome uma maior parte do salário dos habitantes.

Os “catalisadores”

“Não é de agora. Portugal é sempre menos mobilizado”, diz ao PÚBLICO Guya Accornero, professora de ciência política no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, especializada em movimentos sociais. Apesar de ter

havido um movimento de massas durante a *troika* contra as políticas de austeridade, o “envolvimento generalizado não tem comparação” com Espanha e França. “É menos alargado e disruptivo”, continua.

Para a directora do Observatório da Democracia e da Representação Política, uma das razões pode prender-se com “o tipo de estrutura de sociedade e de problema” em Portugal, nomeadamente na habitação. Ao contrário daquilo que acontece noutros países, os movimentos sociais portugueses têm de “usar energias para coisas imediatas e urgentes”, como impedir “bairros inteiros” na periferia de serem demolidos e despejados.

E a própria dimensão da crise habitacional interfere na acção destes grupos. Lembrando que a “violência do processo na área da habitação é maior em Lisboa” do que noutras cidades da Europa, Guya Accornero destaca que se torna “difícil sustentar uma acção durante muito tempo”. “É tão forte que as próprias colectividades foram despejadas e gastam energias só para manter o mínimo de organização”.

Mais: “A configuração política é importante”. Se durante os governos do PS existia alguma “margem de negociação”, o novo Governo do PSD e CDS pode funcionar como “um factor de desmobilização”, admite. Contudo, a professora universitária ressalva que “continuam a existir formas” de protesto em Portugal, como as “manifestações pela habitação” desde 2023, e outras porventura “menos mediáticas”, como as greves em sectores específicos.

Para aí aponta também Dora Fonseca. A socióloga especializada em trabalho, sindicatos e movimentos sociais salienta que existem diferenças nas “tradições de protesto”, na “capacidade de organização dos sin-

dicatos e dos movimentos sociais” e no “contexto político” destes países. E conclui que a sociedade portuguesa não é “menos contestatária”, simplesmente tem “diferentes formas de expressar o descontentamento”. Aliás, o número de greves tem aumentado: em 2024, registaram-se 219 greves, face a 127 em 2012, “um dos anos mais marcados pela crise da *troika*”, de acordo com números do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho.

Para a investigadora do CoLABOR (Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Protecção Social), existiram “catalisadores” em França e Espanha, como as “cargas policiais” e “o caso de Maricarmen” que levaram ao crescimento dos protestos. Além disso, já existiam “repertórios de protesto consolidados” e “organizações estudantis” nas cidades francesas que facilitaram a “expansão da mobilização”. E, em Espanha, recuperaram-se “formas de acção colectiva” já experimentadas para responder a um problema que “agrega pessoas com situações distintas”.

“Mobilização pode crescer”

A repressão policial no Porto pode igualmente ter “um efeito catalisador, como parece sugerir a assembleia popular realizada”, um tipo de acção que foi usado “durante o período da *troika*”. Mas Dora Fonseca diz ser preciso “esperar para ver como evoluem as mobilizações”. “Embora o custo de vida e a habitação afectem amplos sectores da população, a dimensão dos protestos depende da capacidade de transformar problemas individuais em causas comuns, mobilizar pessoas e coordenar a acção colectiva”, frisa. Ainda assim, acredita que as “mobilizações podem crescer”, havendo já “sinais de alargamento” noutros países, como a

Albânia. Isto se agregarem “diferentes grupos sociais” e criarem “alianças que contribuem para uma percepção partilhada de injustiça”.

Os movimentos sociais em Portugal já estão a organizar-se nesse sentido, havendo uma “convergência de lutas em torno do protesto”, como nota Rita Silva, do movimento Vida Justa. A somar-se ao protesto de ontem, há uma manifestação marcada para 14 de Novembro pelo “direito a morar” organizada pela Casa para Viver, na qual antecipa que vão estar “muitos milhares de pessoas”. “O descontentamento aqui também é grande” e “o protesto está a tomar grandes proporções”, afirma, recordando que “temos tido manifestações quase todos os fins-de-semana” por diferentes causas. Ainda este ano houve, por exemplo, uma greve geral contra o pacote laboral.

A investigadora em economia política do Centro de Estudos Sociais (CES) argumenta que os problemas do “custo de vida, da deterioração dos serviços públicos e da educação estão presentes” em Portugal e “ainda são mais graves” do que em França e Espanha porque “a economia e o Estado Social são mais fracos”. Mas defende que, “em cada sítio, os protestos têm formas diferentes”.

Rita Silva admite que, “perante a enorme desigualdade de recursos [da extrema-direita e da direita] é difícil” mobilizar as pessoas, mas acredita que “podemos vir a ter as massas na rua”, havendo “capacidade de estar permanentemente na rua em protesto”. “Infelizmente o exemplo da Maricarmen faz com que as pessoas aqui digam: ‘Há tantas Maricarmens a ser despejadas’. As pessoas identificam-se com o que aconteceu em Espanha. Isso inspira e aumenta a predisposição de quem estava a perder a força para ir para a rua”, declara.



O descontentamento aqui [em Portugal] também é grande e está a tomar grandes proporções

Rita Silva

Movimento Vida Justa